

## **Eu, Christiane F.**

Larissa Gonçalves Guedes

segundo período do curso de Relações Internacionais da Faculdade Damas da  
Instrução Cristã.

O livro *Eu, Christiane F., 13 anos drogada e prostituída*, de Kai Hermann e Horst Hieck, foi publicado no ano de 2009 pela Editora Bertrand Brasil. O título original é *Christiane F. – Wir Kinder vom Bahnhof Zoo*, lançado em 1978. O objetivo desta obra é relatar a vida de uma adolescente viciada e que se prostituía para conseguir dinheiro e comprar heroína, também chamada de H, na época, ou massa.

Kai Hermann e Horst Hieck são dois jornalistas que se fascinaram pelo depoimento de Christiane, durante seu julgamento num tribunal de infância e juventude, e passaram dois anos ouvindo suas histórias para escrever o livro.

Christiane Vera Felscherinow é filha de pais separados, vivia em Berlim. Nasceu no ano de 1962 e sofreu muito na sua infância com a ignorância do seu pai e falta de paciência do mesmo com a mãe. Apanhava muito e a irmã também, depois de diversas brigas, quando Christiane tinha 10 anos, os pais se separaram e um amigo do pai, Klaus, começou a frequentar a casa e logo se tornaria seu padrasto, motivo pelo qual Christiane e a irmã passarem tanto tempo fora de casa. Klaus parecia feliz quando elas saiam. As irmãs adoravam a liberdade de poder andar nas ruas.

Sua irmã (nome não citado no livro) foi morar com o pai e Christiane se sentia cada vez mais só. Na sua nova escola, conheceu Kessi que era a popular da turma e a pequena menina de 11 anos daria tudo para se enturmar no grupo. Foi assim que começou a beber cerveja, fumar cigarros e cachimbos de haxixe, tomar LSD, fumar maconha e tomar remédios como Valium e Mandrix.

Nessa parte o livro expõe um depoimento deprimente da mãe de Christiane, que na verdade não seria nada em comparação com o decorrer da história. Aos treze anos, seu sonho era ir à boate “Sound – a discoteca mais moderna da Europa”. E um

final de semana disse para a mãe que iria dormir na casa de Kessi e as duas foram para a Sound com a Peggy. Christiane começou a frequentar a boate todo sábado e se habituando ao local, onde conheceu seu primeiro namorado o Atze, até descobrir que ele tinha uma noiva. Depois do show de David Bowie, Christiane, pela primeira vez, cheirou heroína para saber como Detlef, sua mais nova paixão, se sentia. Depois disso, começou a cheirar com o próprio Detlef, que já se picava (expressão usada pelas pessoas que injetavam heroína na veia).

Na Sound, Christiane fez várias amizades. Babsi e Stella se tornaram suas melhores amigas, que na época só fumavam erva e tomavam LSD, mas Babsi, depois de alguns anos, morreria como “a mais jovem vítima da heroína em Berlim”. Para Christiane, não existiam problemas em cheirar o H desde que ela estivesse com Detlef. Ficou tão paranoica querendo “estar no mesmo estado que Detlef” que começou a se picar também. “Detlef e eu estávamos agora em igualdade, juntos para sempre, como um casal.”, disse Christiane.

Detlef se prostituía para conseguir dinheiro para os dois se picarem, e isso fazia com que Christiane se sentisse mal. Ele morava com Axel em um apartamento, aparentemente frequentado por viciados e Christiane começou a dormir ali aos sábados. Em um domingo do mês de dezembro, aconteceu a primeira “*cold turkey*” de Christiane, que consiste numa crise de privação, e foi quando percebeu que estava seriamente viciada a ponto de contar as horas para se picar para não voltar a ter uma ressaca. Um dia em que nem ela nem Detlef tinham dinheiro, a única solução que Christiane encontrou foi começar a se prostituir, ou ela arrumava dinheiro ou entraria em uma *cold turkey*.

Daí em diante, o livro se resume à prostituição, heroína, tentativas de evitar ressacas e aos clientes que Christiane satisfazia. O estado físico já era terrível: pesava 43 quilos e tinha 1,69 metros de altura e se irritava muito fácil. Em 1977, sua mãe descobriu que a filha se drogava e então a ajudou a se desintoxicar. Christiane pediu à mãe que levasse Detlef para ficar “limpo” com ela. Tomavam remédios para tentar disfarçar o efeito da droga e copos de vinho. Quando, finalmente, limpos, o primeiro lugar que foram foi à estação Zoo que era onde Detlef e seus amigos ficavam

esperando clientes. Eles queriam contar a todos do tratamento. Quando deram por si, estavam picando no “primeiro dia totalmente limpos”.

Eles se mantiveram um mês sem se prostituírem e se picando apenas quando tinham dinheiro. “Mas mesmo que não quiséssemos admitir, estávamos cada vez mais à caça dos meios para encontrar dinheiro ou de uma alma caridosa que nos desse heroína”. Aos poucos os dois voltaram à prostituição e o vício da H. Foi quando, pela primeira vez, um amigo de Christiane morreu vítima da heroína. Atze o seu primeiro namorado, estampava a capa de um jornal. Logo depois, outro amigo, o Lufo, também morreu em janeiro de 1978. Christiane foi presa pela primeira vez por porte de heroína, ainda aos 14 anos e sua mãe a mandou para o campo com sua avó e primos para passar um mês. Sempre que Christiane estava limpa, ela pensava em um futuro, em ser mãe, como tirar Detlef dessa vida e que queria o ter com ela por toda a vida. Nesse mês, conseguiu engordar dez quilos e voltar a ter uma aparência ótima.

Quando a menina voltou a Berlim, recebeu a informação que Axel tinha morrido e Detlef estava morando na casa de um cliente. No seu primeiro dia de liberdade voltou a se picar. Passou por outra tentativa de desintoxicação e mais uma vez falhou. Até que, sua mãe a levou ao Narconon, que era uma clínica de reabilitação, depois de 15 dias Christiane fugiu dali, se picou na estação Zoo e voltou ao Narconon por não ter onde ficar. Porém, depois de algum tempo, o pai dela a obrigou a sair dali e levou-a com ele. Quando saía para fazer compras, se picava e de noite em casa seu pai nunca percebia.

Babsi morreu com 14 anos, Christiane se prostituía à tarde, se picava e voltava para casa tentando disfarçar e sem deixar nenhum rastro de heroína, até seu pai descobrir e trancá-la no apartamento. Com a liberdade, depois de algum tempo, a prostituição e o vício atacaram de novo. “Eis mais uma viciada no meio do caminho. A depressão negra. As ideias suicidas. Mas era muito covarde para tomar um hot shot (uma dose mortal). Sempre buscava uma saída”.

Entrou e saiu de clínicas e hospitais. Porém não largou o vício. Detlef estava de volta em sua vida. Ocorreram vários “apagões”, quando aplicava heroína e nesse ponto do livro é perceptível que a jovem se arrasta para viver e está em um estado

deplorável de vida. No dia 13 de novembro de 1977, Christiane foi morar com sua avó. Lá, entrou em um colégio, arrumou um namorado, ficou limpa, depois desistiu da escola e se fechou na sua casa. Acabou com o namorado, pois o seu corpo era apenas de Detlef e soube que ele estava novamente preso. Formou-se e voltou a fumar maconha. O livro acaba com Christiane e alguns amigos em uma pedreira afirmando que “não tínhamos vontade nenhuma de voltar lá pra cima”.

Segundo fontes, hoje em dia Christiane voltou a se drogar. Em 1983, a polícia a prendeu no apartamento de um traficante em Berlim. Tem hepatite C e problemas circulatórios. Os médicos dizem que seu estado é irreversível. Em dezembro de 2005, o serviço público de saúde alemão registrou duas internações da paciente. O seu filho vive atualmente numa instituição para menores nas redondezas de Berlim e os avós deverão ajudar a decidir onde será a sua futura morada.

O livro é um alerta ao mal que a droga traz à vida de qualquer pessoa. A leitura do texto é como a personagem: se arrasta para viver, causa um sentimento de repugnância ao leitor que acompanha a luta da jovem tentando largar o vício.